LITERATURA, INTERCULTURALIDADE E SUBJETIVIDADE NOS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Ianes Augusto Ca [1], Francisco Vitor Macedo Pereira [2]

RESUMO

Discutir a literatura, interculturalidade e subjetividade nos espaços dos Países Africano de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) se justifica pelo mesmo destino histórico que estes países compartilharam ao longo da invasão colonial. Nesta perspectiva, trabalho tem como objetivo analisar de maneira genérica as temáticas presentes em alguns escritores africanos de língua portuguesa, na perspectiva histórica, cultural e literária. Tendo como pano do fundo de compreender como se organiza as temáticas sociocultural deste espaço, as suas convergências e especificidades e a sua relação com a língua portuguesa. Para isso, a nossa metodologia fundamenta-se nos estudos interdisciplinares, como proposta epistemológica alternativa de pesquisa que visa uma compreensão da totalidade, um resgate do ser humano em sua totalidade que supere a divisão e compartimentalização do conhecimento. Portanto, percebe-se que há uma convergência temática entre as escritas dos escritores de PALOP. Assim, a identidade da escrita de uma obra literária de um escritor de (PALOP) se justifica pela lexicalização, neologismos, ortografias não convencionais, o uso de expressões idiomáticas e metáforas que passam a compor os repertórios das suas criações literárias.

Palavras-chave:

Literatura. Interculturalidade. Subjetividade. PALOP.

[1] Instituto de Humanidades - Unilab, Programa do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades, Discente, e-mail: ianes@aluno.unilab.edu.br
[2] Instituto de Humanidades, Palmares, Docente, e-mail: vitor@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

A colonização é um dos eventos importantíssima da humanidade que merece uma reflexão no mundo contemporâneo. Ela traz para o sujeito moderno o questionamento de alteridade sobre a sua existência e de como "eu" se constrói perante o outro. Paradoxalmente, a globalização, a internacionalização e a abertura gradual das fronteiras são caracterizados por fundamentalismo, nacionalismo e etnocentrismo, uma vez que em muitos casos a diversidade cultural é deixada de lado em detrimento da intolerância, do racismo, da identidade e nacionalismo exacerbado.

Compreende-se que humanidade é estruturada através de segmentos que destiguem diferentes tipos de comunidades as quais dão origem ao surgimento de diferntes culturas que compartilham certos valores e práticas comuns de identidade através de uma cadeia coerente. Neste sentido, se tomarmos em consideração o críterio étnico como única categoria, é possivel compreender na prática que a sociedade contemporânea se forma em pequenos substratos destintos, se levarmos em consideração o critéroio geográfico, hierarquia social, modo de vida e gosto. No entanto, estas estratificações não devem ser vistas como unidades naturais, pois uma cultura etnica é uma projeção subjetiva e objetiva supceptível a variar de acordo com as escolhas identitárias. Como argumenta Stuart Hall (2014), em virtude da globalização as mudanças identitárias ocorrem no interior de culturas, promovendo um hibridismo cultural tendo como consequência as mobilidades movidas pelos encontros e desencontros.

Sendo assim, é correto aceitar que o sujeito contemporâneo se constrói na encruzilhada na perspectiva intercultural. Neste sentido, um sujeito pode aderir uma série de identidades culturais de acordo com sua idade, sexo, classe social, opção territórial, opção cultural, dependendo da ocasião em que ele a considera referência cultural num determinado momento. Portanto, neste trabalho propomos analisar de maneira genérica e especulativa as temáticas presentes em alguns escritores africanos de língua oficial portuguesa, na perspectiva histórica, cultural e literária. Tendo como pano do fundo de compreender como se organiza as temáticas sociocultural deste espaço, as suas convergências e especificidades e a sua relação com a língua portuguesa.

METODOLOGIA

Este trabalho percorre o caminho da metodologia interdisciplinar como proposta epistemológica alternativa de pesquisa que visa uma compreensão da totalidade, um resgate do ser humano em sua totalidade que supere a divisão e compartimentalização do conhecimento. Neste sentido, acreditamos que a interdisciplinaridade configura-se como uma necessidade emergente, visto que, segundo Japiassu (1976), ela surge como uma necessidade que questiona o surgimento das novas disciplinas na perspectiva fragmentária. Assim, como alerta Gusdorf (1975, p.24) "fuga para a frente das disciplinas isoladas, cada uma afunda-se na incoerência, manifesta a perda de sentido humano, o desaparecimento de toda imagem regulador que preservaria a figura do homem num mundo à sua escala".

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A crítica, a proposta e a redefinição posta por René Wellek (1959) faz o reaparecimento desse campo de conhecimento na segunda metade do século XX no meio acadêmico, principalmente na área da literatura comparada. Com essa nova proposta, percebe-se que dentro do processo da construção de uma crítica literária há um cruzamento entre as teorias e outras áreas do conhecimento, uma vez que traz para a literatura uma reflexão que permite a compreensão da intertextualidade na construção do sentido de um texto literário.

Assim, esse cruzamento se dá pela nova leitura das sociedades através, segundo Kestler (2008), de intercâmbio e comunicação intercultural, nos quais se manifestaria o que há em comum entre as diferentes culturas, sem que se apague a individualidade que se baseia nas diferenças nacionais. Pois, compreendemos

que esse “diálogo” na literatura, principalmente nos textos literários, “não é um processo tranquilo nem pacífico, pois, sendo os textos um espaço onde se inserem dialeticamente estruturas textuais e extratextuais” (CARVALHAL, 2006, p. 53).

Posto isto, discutir a literatura, interculturalidade e subjetividade nos espaços dos Países Africano de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) se justifica pelo mesmo destino histórico que estes países compartilharam ao longo da invasão colonial. A colonização e o imperialismo fazem com que as fronteiras dos países colonizados se desloquem, seja no sistema geopolítico, ou como sentido geocultural e social. Por outro lado, a emigração e a globalização, como marca do mundo contemporâneo fazem com que as culturas se aproximem umas das outras com uma velocidade incontrolável devido à acessibilidade dos meios de comunicação e às tecnologias como veículo de divulgação de certos comportamentos sociais.

O ato de criação é muito complexo e irredutível a uma mera atribuição de identidade segundo a origem do escritor. Pois, dentro de processo de criação de um texto literário, o escritor passa por momentos de reflexão consciente e inconsciente nos quais o seu texto passa por vários artifícios idenitários e culturais, ora conflitantes ora negociáveis. Em algumas circunstâncias, a identidade cultural pode ser assumida como uma atitude militante, caso dos escritores africanos de expressões portuguesa. Essa demarcação do espaço cultural e social, funciona como reivindicação da identidade do colonizado como lugar de negociação.

Assim, a identidade da escrita de uma obra literária de um escritor de (PALOP) se justifica pela lexicalização, neologismos, ortografias não convencionais, o uso de expressões idiomáticas e metáforas que passam a compor os repertórios das suas criações literárias. Sendo assim, os escritores tentam criar e proliferar traços culturais idiossincráticos inerentes à identidade cultural coletiva e individual característicos a esses países. Esse tipo de criação literária e artística é paradigmático na medida que funciona como uma estratégia de criar um mundo cuja recepção multicultural através do pacto histórico, social e cultural engendrada no ato de criação na leitura. Nesta procura de elo e de cumplicidade lúcidas por jogos de linguagens do texto literário é que se constrói a intertextualidade e interculturalidade.

Portanto, entendemos que a identidade cultural de criação e de leitura de uma obra literária passa pelo processo de construção e de diálogo que se acessa além do significado no contexto textual, também é extensiva ao contexto extratextual sociocultural no qual o texto faz sentido. Em outras palavras, cada obra literária passa pelo processo de atualização da identidade cultural em todos os aspetos uma vez que traz as referências implícitas e explicitas reveladoras da subjetividade historicamente e socialmente compartilhada, lembrando que as âncoras culturais na literatura são realidades complexas e conflituosas.

A escrita literária pode ser compreendida com um intermediário para conhecimento do outro pelo qual manifesta a subjetividade. É um laboratório que oferece as possibilidades que permitem descobrir algo em comum entre a humanidade. Ou seja, a literatura é um meio de manifestação da subjetividade e de acesso aos códigos sociais e culturais, porquanto a linguagem de expressão literária carrega a representação do mundo e dos valores compartilhados entre culturas no sentido de troca, com visão do mundo pluralista.

Se consideramos a literatura como um centro de comunicação e de troca intercultural, portanto, a crítica literária deve abrir campo de diálogo com outros campos de conhecimento, a saber, arte, sociologia, história, antropologia, filosofia, que contribuem para achar respostas sobre às questões contemporâneas. Assim, num contexto de globalização o papel de um intelectual deve-se respaldar na construção de um diálogo intercultural, baseado no respeito mútuo e aceitação, mesmo confrontando visões de mundo diferentes.

O intercâmbio cultural entre estes povos no que diz respeito ao espaço político ora questionado pela literatura convergem-se na medida que estes país assumiram o mesmo momento da emergência de luta contra o colonialismo e os textos literários, principalmente a poesia, funcionou como “a arma do combate”, como aponto Moema Parente Augel (2007). Assim, considera-se os anos 60 como um marco na literatura dos países africanos de língua portuguesa, pois neste período que as literaturas destes países passam a abordar as temáticas de cunho nacionalista, passa a existira uma consciência de grupo entre os escritores, dando enfase na valorização da cultura local e criação de um novo discurso literário que denuncia o colonialismo português.

Essas produções pautavam numa crítica engajada contra a máquina colonial, ou seja, como salienta Chaves (2005, p.250), “com vínculos tão fortes com a História, a literatura funciona como um espelho dinâmico das convulsões vividas por estes povos”. Portanto, escrita literária nos países de língua portuguesa os quais

fazem parte Guiné-Bissau, Angola, Moçambique Cabo-verde e São Tomé e Príncipe denunciava as tensões e violência proferida pelo colonizador. Como salienta During (1996), em grosso modo, a subjetividade literária é uma disposição para se envolver intensamente com modos particulares em duas formações maiores que ajudam a criar a cultura moderna: a produção de ficção e simulacro e fornecimento de espaços, ocasiões para os indivíduos se comunicarem. Foi isso que aconteceu com esses países colonizados, a literatura ajudou na implantação da ideologia nacional contra a exploração e o sistema colonial.

CONCLUSÕES

Há uma convergência temática entre as escritas dos escritores de PALOP, as obras trazem as marcas de resiliência e decepções após independência. A escrita destes autores, muitas das vezes não se dão de forma convencional das normas de língua portuguesa, com a criação de uma nova identidade que passam a compor os repertórios das suas criações literárias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fundação Cearense de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap) pela concessão de bolsa de estudo como apoio financeiro ao desenvolvimento cientifico. Aos meus orientadores, Prof. Dr. Francisco Victor Macedo e Profa. Dra,. Andreia Cristina Muraro.

REFERÊNCIAS

CARVALHAL, Tânia Franco. Literatura comparada. 4. ed. rev. e ampliada. - São Paulo: Ática, 2006

CHAVES, Rita. Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários. Cotia: Ateliê, 2005.

During, Simon. 1996. Literary Subjectivity. Journal of the Association for the Study of Australian Literature, NV. 1-12

FERREIRA, Manoel. Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa. São Paulo: Ática, 1987.

HALL, Stuart. Identidades Culturais na Pós-Modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Gusdorf G. Prefácio. In: Japiassu H. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago; 1976. p. 8-26

JAPIASSU, Hilton. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

AUGEL, Moema Parente. O desafio do escombro: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007

KESTLER, Izabela Maria Furtado. O conceito de literatura universal em Goeth. In: Revista Cult, São Paulo, v. 130, p. 46-49, 2008. Disponível em: https://revistacult.uol.com.br/home/o-conceito-de-literatura-universal-em-goethe/. Acesso: 25/08/2018

WELLEK, René. História da Crítica Literária. Friedrich Schlegel. São Paulo: Editora Herder, 1967, p. 6. Vol. III.